

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : OESP

CLASS. : Amaz. Fronteiras

DATA : 20 06 91

PG. : 03 | Editorial

90

A ecomentira

A visita do presidente Collor de Mello a Washington foi pretexto para que — depois de uma trégua de alguns meses — surgissem manifestações disparatadas na imprensa americana, supostamente em defesa de nossas matas e rios, de nossos indígenas e até de nossa democracia, como se os brasileiros fôssemos incapazes. A ecologia é uma causa nobre que pode servir a maus propósitos. Já é evidente o engodo daqueles que aproveitaram a onda ecológica para vender produtos “naturais”. Também já se podem distinguir as organizações ambientalistas sérias daquelas que apenas atendem ao bem-estar material e psíquico das “estrelas” que as dirigem. São menos nítidos, no entanto, os interesses macroeconômicos e estratégicos de grandes corporações e de governos que se tornam militantes do movimento ecológico... sempre em território alheio.

Depois do episódio da carta que oito senadores enviaram ao presidente Bush, instando-o a argüir o presidente Collor de Mello a respeito de sua vontade política, os jornais *Washington Post* e *New*

York Times veiculam campanha que predisporia os brasileiros contra os defensores estrangeiros do meio ambiente, não estivesse a maioria dos habitantes deste país há muito convencida da necessidade de evitar a devastação e repor o equilíbrio ecológico e ciente de que deve fazê-lo por si mesma.

O artigo assinado pelo antropólogo Stephan Schwartzman reduz-se ao queixume de quem não teve afagada a vaidade de se ver reconhecido como o salvador das florestas e dos indígenas brasileiros. Já o professor Terence Turber encolhe a verdade e estica a mentira para denunciar as ambigüidades da política governamental brasileira e dizer acacianamente que a reserva ianomâmi não está demarcada porque as políticas ambiental e indígena “são definidas no interesse da segurança nacional”.

Seria interessante saber em nome do que as políticas ambiental e indígena do país de origem do professor Turner foram e são definidas, senão em nome da segurança nacional. Justamente porque

os grupos ambientalistas, apoiados na matéria por alguns governos, insistem na tese de que as reservas indígenas atuais serão o território nacional a partir do qual etnias buscarão sua independência é que a atribuição de terras aos ianomâmis deve merecer exame à luz da segurança nacional.

É preciso, igualmente, que alguém explique ao professor Turner e a muitos outros “conhecedores” do Brasil a verdadeira natureza do projeto Calha Norte. O projeto não prosperou por causa de uma infeliz conjugação de falta de recursos e de pressões do falso nacionalismo. Projetado para ser um conjunto de ações integradas de vários ministérios, e não apenas os militares, o Calha Norte poderia ter vitalizado porções da imensa fronteira norte que hoje vivem sem lei, sem respeito à vida e aos direitos humanos, justamente porque lá não existe a presença do Estado. Onde este chega, chega a ordem, da mesma forma que, onde chegam os aviões e helicópteros da FAB, os ianomâmis são respeitados, alimentados e medicados.